

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFROBRASILEIRA-UNILAB

INSTITUTO DE HUMANIDADES

BACHARELADO EM HUMANIDADES

**TERESA DOMINGOS GOMES**

**A ESTIGMATIZAÇÃO SOCIAL EM ANGOLA: UM ESTUDO  
SOBRE OS ESTIGMAS ATRIBUÍDOS AO GRUPO  
ETNOLINGUÍSTICO AMBUNDU EM CACUCO/ LUANDA-  
ENTRE OS ANOS DE 2011-2018**

ACARAPE-CE

2022

**TERESA DOMINGOS GOMES**

**A ESTIGMATIZAÇÃO SOCIAL EM ANGOLA: UM ESTUDO  
SOBRE OS ESTIGMAS ATRIBUÍDOS AO GRUPO  
ETNOLINGUÍSTICO AMBUNDU EM CACUACO/ LUANDA  
ENTRE OS ANOS DE 2011-2018**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos

ACARAPE-CE

2022

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Luís Tomas Domingos

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luís Tomas Domingos (Orientador)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Natalia Cabanillas ( membro da banca)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Prof. Dr. Carlos Subuhana ( membro da banca)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

ACARAPE-CE

2022

Dedico este trabalho primeiramente aos meus pais Manuel Gomes e Suzana Domingos que muito me apoiaram seja moralmente, como financeiramente para me verem formada um dia e de seguida dedico este trabalho aos meus irmãos Gonçalves Pedro Domingos Gomes Conceição Domingos Gomes, Emilio Gomes e Júlio Gomes pela confiança que sempre depositaram em mim durante o meu processo de formação principalmente desde o momento que eu ingressei no ensino médio e pelo enorme esforço que fizeram durante todo o meu percurso da viagem de Angola para Brasil.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pelo folego de vida, pela saúde e pelas oportunidades e força que eu recebi durante o processo de realização deste projeto de pesquisa. Aos meus pais Manuel Gomes e Suzana Domingos estendo a minha enorme alegria e gratidão por ter vocês em minha vida e por me proporcionarem momentos maravilhosos no meu processo de crescimento pois são os principais pilares para o meu desenvolvimento acadêmico.

Estendo também os meus agradecimentos a todos os meus familiares principalmente os meus irmãos Emilio Gomes, Júlio Gomes Conceição Gomes, Gonçalves Gomes, Florinda Gomes, Paulino Pedro, que sempre estiveram comigo e estenderam enorme apoio direta ou indiretamente durante a minha formação.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Luís Tomás Domingos pelo apoio, acolhimento e oportunidades que me deu durante a realização deste projeto de pesquisa, sem esquecer os conselhos que sempre recebia durante as nossas orientações hoje eu tenho o senhor como um pai.

E agradeço a minha nova família que criei aqui na UNILAB, Natalia Kulivela, Doneta Gomes, Jandira Dala, Joelma Machado, Fatima Soneto, Augusto Pacato, Manuel Nambua e Ana Odete todos vocês serviram de apoio para realização deste trabalho. Estendo também a minha gratidão a minha querida amiga Dulce Manuel Boa Nicolau que mesmo estando distante de mim sempre me deu um total apoio acadêmico desde algumas para a realização deste trabalho,

E por último agradeço imensamente aos meus amigos, colegas de batalha que juntos estivemos na luta da realização dos nossos projetos de pesquisa António Vicente, Leonildo Toco, Luís Valdo Manuel, Luísa Natende Marcelo Manuel e Mamadú Boy. Estes de qualquer jeito serviram de uma forma de apoio em vários momentos desta pesquisa pois é a eles que eu desabafava quando tudo parecia estar difícil.

**NGA SAKIDILA- OBRIGADA.**

## SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO .....	7
2-JUSTIFICATIVA.....	10
3-DELIMITAÇÃO DA PESQUISA .....	12
4-PROBLEMÁTICA.....	13
5-HIPÓTESE .....	15
6. OBJETIVOS .....	16
6.1-GERAL:.....	16
6.2- ESPECÍFICOS:.....	16
7- REFERENCIAL TEÓRICO .....	17
7.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DOS AMBUNDU.....	17
7.2- Quadro 1: Empréstimos Da Língua Kimbundu À Língua Portuguesa .....	19
7.3- Reino do Ndongo e Reino da Matamba.....	20
7.4- Processo de assimilação dos Ambundu .....	22
7.5- A Estigmatização Social.....	23
8-METODOLOGIA .....	28
9-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA .....	30
10-CRONOGRAMA .....	33

## 1- INTRODUÇÃO

Angola é um país localizado no continente africano, foi colonizado pelos portugueses, e obteve a sua independência no dia 11 de novembro de 1975. É limitado ao norte e nordeste pela República Democrática do Congo, a leste pela Zâmbia, a sul pela Namíbia e a oeste pelo Oceano Atlântico. O país ocupa uma área de 1.246,700 km<sup>2</sup> com cerca de 18,4 milhões de habitantes, esse território possui 18 províncias, tem como capital a cidade de Luanda. Essa nação compõe um dos países que possui a língua portuguesa como oficial. É um país com diversos povos, reinos e com uma diversidade sociolinguística e cultural e com 10 grupos Etnolinguístico como cita ZAU (2002) dentre eles os *Bakongo, Ovimbundo, Ambundu, Xindonga, Lunda-Tchokwe, Nganguela, Nhaneca-Humbe, Herero, Ovambo, e Os Khoi-san*. E no presente trabalho se propõe debruçar acerca da Estigmatização do grupo Etnolinguístico *Ambundo* em Angola um estudo que será baseado em Luanda capital de Angola no município de Cacuaco nos anos de 2011 – 2018.

Ambundu um dos maiores grupos de Angola e que na época colonial teve maior contato com os portugueses. Em um primeiro momento neste trabalho vamos fazer uma contextualização histórica deste grupo, e posteriormente vamos falar de dois grandes reinos que foram muito importantes no grupo Ambundu durante muito tempo que é o reino do *Ndongo* e reino da *Matamba*. E iremos retratar do processo da assimilação neste grupo, para buscar compreender como se deu este processo, e porque que este grupo étnico é estigmatizado. E posteriormente vamos buscar entender acerca da Estigmatização social, e como o indivíduo em uma sociedade se sente ao passar as questões de estigmas.

O Estigma social são marcas impostas pelo indivíduo ou são as características culturais que um determinado grupo social tem e estas características diferem de outros grupos e foge daquilo que a sociedade considera como padrão. É esta forma que a sociedade vai olhar o outro como diferente, atribuindo características pelos seus hábitos culturais vai evidenciar comportamentos e manifestações preconceituosas e estereotipadas. Os Estigmas sociais atribuídos pelo grupo etnolinguístico Ambundu que até certo ponto acaba abalando o indivíduo psicologicamente.

Segundo RONZANI, (2010):

Poderíamos, a partir desse conceito inicial, definir o estigma social como uma marca física ou social de conotação negativa ou que leva o portador dessa “marca” a ser marginalizado ou excluído de algumas situações sociais, apresentando forte impacto no valor atribuído a uma determinada identidade social. Como característica fundamental, a estigmatização tem como base central sua derivação cultural ou situacional e envolve os seguintes componentes, de acordo com Dovidio o reconhecimento da diferença com base em alguma característica distinguível, ou “marca” ;) a conseqüente desvalorização da pessoa estigmatizada. Em estudos mais recentes, tem-se defendido a natureza dinâmica, relacional e contextual do estigma. (RONZANI, 2010. p.327).

Existe o caso em que o indivíduo tenta esconder a sua origem com medo de ser estigmatizado. Estes estigmas acontecem na escola, no trabalho, na rua e entre outros locais. E para melhor compreensão da nossa temática iremos fazer uma entrevista semiestruturada de modo a entender quais são realmente os estigmas que a população *Ambundu* passa em Cacuo/Luanda, e como os indivíduos deste grupo reagem ao se deparar por estes estigmas, vamos procurar saber a partir dos entrevistados se eles acham que realmente existem esta questão de discriminação étnica em Angola.

A cidade de Luanda foi fundada em 25 de janeiro de 1976 pelo Paulo Dias de Novais segundo o censo demográfico 2014 Luanda foi considerada a província mais populosa de Angola com 6.945.386 habitantes e atualmente tem 7 municípios, dentre estes 7 o nosso estudo será baseado no município de Cacuo. Maiores partes dos habitantes de Luanda fazem parte dos grupos de origem étnica Bantu dentre os quais vamos encontrar a população da ascendência *Ambundu*, estes que são a população da região local composta por mestiços mas também tem os *Ambundu* vindo das outras províncias como Bengo, Malange, Kuanza Norte uma parte do Kuanza Sul e uma parte da província de Uíge, vamos encontrar também em Luanda uma boa parte da população dos grupos como *Ovimbundo* e *Bacongo* estes que se deslocaram das suas cidades nativas durante o período da guerra colonial. E durante período colonial em Luanda se constatava uma maior parte dos portugueses estes que colonizaram Angola, mas na época do alcance a independência maior parte dos portugueses deixaram o país.

O município de Cacuo localiza-se na província de Luanda, limita-se a este com o Rio Dande no Município do Dande e o município de Icolo e Bengo, a sul com os municípios de Viana e Cazenga, a oeste com o Oceano Atlântico e município de Luanda. Segundo o

Instituto nacional de estatística de Angola, Cacuaco tem uma superfície territorial de 572 Km com uma densidade populacional de 1.479 habitantes por Km<sup>2</sup>. O município é constituído por três (3) comunas e (57) bairros. As comunas são: Comuna Sede de Cacuaco, Comuna do Kicolo e Comuna da Funda. Cacuaco é considerado como o terceiro município mais populoso de Luanda.

## 2- JUSTIFICATIVA

O interesse pela temática justifica-se por vários motivos, em primeiro por eu pertencer ao grupo Etnolinguístico *Ambundu*. Em segundo lugar por eu nascer e crescer no município de Cacuaco, recorde-me que durante a minha convivência constatei várias ocorrências de estigmas contra essa mesma população, pois era um meio em que no qual estavam presente na sua maioria o povo Ovimbundo, Bakongo e os próprios *Ambundu* e existia muito estas discussões sobre os problemas étnicos, cada membro de um grupo olha o seu povo como superior aos outros e isto vem causando muitos conflitos entre a população de Cacuaco.

Com passar do tempo, no ano de 2011 quando eu estava a frequentar a sétima classe na escola 4018 (Escola nova), era comum ouvir por parte dos meus colegas insultos a respeito do grupo *Ambundu*, como: são atrasados, não gostam de estudar, são feiticeiros assim como para os *Ambundu* da província de Malanje são tidos como pessoas que não gostam pagar renda (aluguel de casa). Estes são e existem vários outros estigmas atribuídos para os *Ambundu*. A estigmatização social é um fenómeno muito recorrente na sociedade angolana sociedades pos coloniais, nas quais as relações estão diadas pela violência e está presente em qualquer esfera social. Ela ocorre na rua, na escola, no trabalho e em outros espaços sociais principalmente em zonas menos desenvolvidas.

Por outro lado, a minha inserção na faculdade de ciências sociais no curso de Antropologia na universidade Agostinho neto nos anos de 2017-2018 onde eu fui conhecendo de uma forma mais preponderante sobre os grupos Etnolinguístico de Angola e as suas diferenças multiculturais que entre si, carregam algumas semelhanças e comecei a entender sobre as diferenças étnicas. A partir desse momento surgiu o interesse de trabalhar com esta temática tendo em vista que os estigmas são criados para discriminar esses grupos. O grupo Etnolinguístico *Ambundu* é composto por vários subgrupos é importante que se respeita a diferença entre eles, pois a estigmatização social causa um certo desconforto no indivíduo.

No âmbito social o presente trabalho justifica-se pelo fato de existir poucos debates sobre a temática em questão causando cada vez mais a exclusão social no seio população angolana.

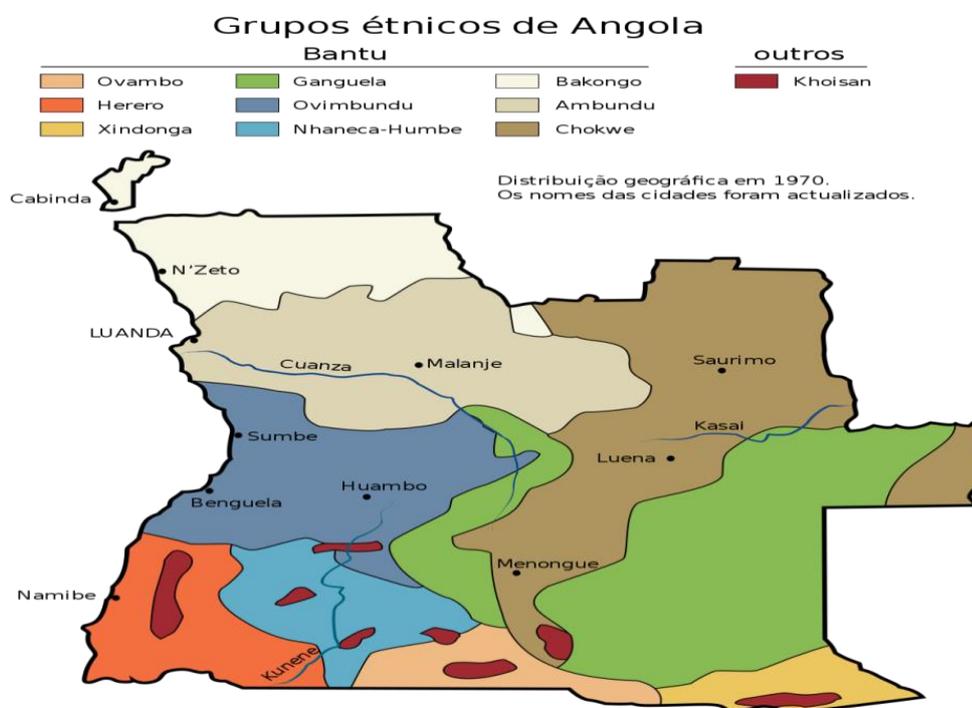
Conforme demonstram Ronzani e Furtado (2010), os estigmas sociais e a exclusão social muitas das vezes abalam o psicológico do indivíduo, pois eles acabam sentindo-se inferiorizado pensando/ ou achando que os seus hábitos culturais não têm importância na sociedade levando muitos indivíduos ocultarem aquilo que realmente lhes identifica com medo de serem desvalorizado. E estes estigmas acontecem por intermédio da ignorância de uma prática negativo carregado no cotidiano da população angolana. Deve-se se ter em conta que ninguém está sujeito a perfeição, então, porque desrespeitar a forma cultural de outros mesmos sabendo que com palavras podemos machucar e afetar psicologicamente o indivíduo estigmatizado, é muito importante que se aceite a diferença. Diante destas situações, é necessário fazer uma análise profunda acerca desta temática de modo a compreender melhor as causas que originam a estes estigmas na sociedade.

No âmbito acadêmico, esperamos que este trabalho possa servir de apoio as futuras pesquisas voltadas para o tema em questão diferenciando-se do contexto em estudo. No entanto, vale ressaltar que existe poucos trabalhos que abordam sobre os estigmas dos Ambundu. Assim sendo, os estigmas acontecem com todos os grupos Etnolinguístico em Angola

### 3- DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Angola é um país com uma diversidade multicultural e composto por dez grupos Etnolinguístico. No presente trabalho será abordado sobre a estigmatização social do grupo Etnolinguístico Ambundu em Luanda- Cacuaco, uma análise dos anos 2011-2018 Ambundu que é um dos segundo maior grupo de Angola e a sua língua nacional é o Kimbundu que tem uma grande relevância em Angola, por ser a língua tradicional da capital Luanda. O nosso estudo será baseado em um dos municípios da capital de Luanda/ Cacuaco, nos anos de 2011 – 2018 vamos buscar compreender como é praticado o processo da estigmatização e como os membros do grupo estigmatizados se sentem ao enfrentar os estigmas a respeito da sua população.

**Figura1- Mapa etnolinguístico de Angola**



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Demografia\\_de\\_Angola#/media/Ficheiro:Angola\\_Ethnic\\_map\\_1970-pt.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Demografia_de_Angola#/media/Ficheiro:Angola_Ethnic_map_1970-pt.svg)

#### 4- PROBLEMÁTICA

O foco da nossa pesquisa visa analisar os problemas correlacionados a estigmatização social do grupo etnolinguístico *Ambundu* em Luanda no município de Cacuaco. Em Luanda constatam-se vários problemas que envolvem questão étnica e a discriminação entre a população dos diferentes grupos étnicos que residem na cidade capital, normalmente uns querem sentir-se superior ao outro, atribuindo nomes e características em certos povos., alegando que a sua língua, os seus hábitos culturais, a sua forma de governação é melhor, estes problemas dos grupos Etnolinguístico em Angola não surgiram agora eles já veem a existir desde a época colonial, porque existiam alguns grupos que tinha contato direto com os colonizadores e passaram a ser mais assimilados em relação aos outros como no caso do grupo *Ambundu* na sua maior parte era composto por mestiços. Tendo em conta a presente explanação nos leva a fazer a seguinte indagação: Será que a estigmatização social tem sustentado a discriminação e preconceito no seio da população *Ambundu* em Cacuaco

Rosa Silva (2014) em uma entrevista afirma que há também grandes problemas étnico que existem em Angola. “Em Angola quase que não se fala, mas os problemas étnicos existem porque o Bakongo não pode fazer o mesmo que Umbundo faz por exemplo” disse:

O *Kimbundo* pensa ser mais inteligente do que o *Ovimbundo*, e nós temos que começar a ver que ninguém é mais que ninguém. Todos nós temos as mesmas capacidades, as nossas valências para podermos desenvolver a nossa comunidade. Eu acredito que nós temos que olhar nessa perspectiva para podemos perceber porque a África está assim, “disse acrescentando que primeiro os dirigentes devem descolonizarem as mentes”. (CAETANO, 2014.online).

O que se constata em Angola é uma tentativa de divisão entre os diferentes grupos um problema muito presente na capital de Angola-Luanda ela não acontecem apenas com os *Ambundu*, mas com outros grupos étnicos e em Angola existi vários grupos étnicos em Luanda que se instalaram na época da guerra civil a procura de melhor segurança. E estes povos têm hábitos culturais diferentes. O processo da colonização influenciou de qualquer jeito nestes estigmas porque o além de explorar os recursos do continente africano- Angola o que os colonizadores queriam é causar uma certa separação entre os diferentes povos. Tanto que na guerra cível e no processo da luta pela independência de Angola se constatou uma separação entre os diferentes povos

os Ambundu na sua maior parte eram do MPLA tanto que o primeiro presidente de Angola Dr. António Agostinho Neto é do grupo Ambundu, na região do Catete, Os Ovimbundo na sua maior pertenciam a UNITA e FNLA os Bakongo. O antigo presidente da UNITA Jonas Malheiro Savimbi sempre dizia no seu discurso que o importante é sermos todos Angolanos. “ Só os angolanos podem salvar Angola vamos todos juntos com coragem em busca do nosso destino para sermos lembrados como libertadores. Diante destas ocorrências quais são as possíveis causas da estigmatização entre os diferentes grupos étnicos em Angola?

Soares (2009), vai dizer é pelo meio dos estereótipos, que os seres humanos vão se inserir de uma maneira mais completada. Os estigmas sociais refletem algo que o estigmatizador relembra a conformidade do outro, uma marca que ele possui que, de alguma maneira, faz com que o outro o estigmatize. Podemos dizer que o conjunto dessas marcas sustenta o estereótipo e o preconceito. É importante que o indivíduo estigmatizado deve ter aquela segurança de si mesmo e autoaceitação em ocupar o seu espaço de modo a conhecer qual é realmente o seu lugar fundamental, consequentemente, estigmatizar-se. Nesse sentido, o estigma não passa apenas pela simples relação entre dominantes e dominados, mas por um certo consentimento e aceitação desse lugar que se não chega a significar coesão, também não é coerção). Assim sendo, quais são os fatores da estigmatização social da população *Ambundu* em Cacuaco/Luanda?

Tendo em conta todos estes problemas étnicos os estigmas que mais se ouve falar frequentemente sobre os Ambundu é que eles não pagam renda (aluguel) são atrasados, confusionistas, não gostam de estudar, na época da guerra civil empurram comboio com dentes, gostam de ter várias mulheres, e são muito rebeldes. Nesta senda qual o impacto que a estigmatização social tem no seio da população *Ambundu* e como eles têm reagido diante destes estigmas que são atribuídos sobre o seu povo?

## 5- HIPÓTESE

Para a nossa hipótese trouxemos os seguintes pontos:

### 1- A língua

A estigmatização social é um problema que se constata no cotidiano da população angolana, e um dos fatores que contribui para a estigmatização social é a “LÍNGUA” é por intermédio da língua que muitos se sentem superior aos outros julgando que a sua língua é melhor. Os mais assimilados em Angola por se julgarem que falam melhor a língua portuguesa que é a língua dos colonizadores tem a tendência de estigmatizarem e cometerem o preconceito linguístico aos que para além do (português têm a língua materna como sua primeira língua que de qualquer forma o regionalismo influencia no português falado por eles.

### 2- Etnocentrismo

Temos também a questão das diferenças culturais, Angola é um povo multicultural, e é muito importante que se respeite a diferença do outro, cada cultura é uma cultura com a sua relevância na sociedade. Mas em Angola se constata muito a questão do etnocentrismo que é a visão demonstrada por alguém que considera o seu grupo étnico ou a sua cultura melhor que as outras ou o centro de tudo. E estes indivíduos acabam não aceitando a cultura dos outros.

### 3- Assimilação

Um dos grandes problemas da Estigmatização social contra a população *Ambundu* talvez seja por este grupo ter mais contato direto com os colonizadores como diz Zau (2002, p.61) “Talvez por esse facto, tenham também sido os mais aculturados de todos os outros grupos etnolinguísticos angolanos”. Pode se dar em conta por ser um grupo no centro do poder em Angola (MPLA) Movimento Popular de Libertação de Angola que é um partido político angolano que liderou sempre o poder, de ideologia comunista, marxista, e leninista era composto por mestiços, assimilados brancos e uma boa parte da população *Ambundo*

## 6. OBJETIVOS

### 6.1-GERAL:

- Analisar os conceitos e mecanismos de Estigmatização social do grupo Etnolinguístico *Ambundu* em Angola: no município de Cacuaco/ Luanda entre os anos de 2011-2018.

### 6.2- ESPECÍFICOS:

- Compreender porquê e como estão estigmatizados o grupo Etnolinguístico *Ambundu* em Cacuaco/Luanda.
- Demonstrar como a estigmatização social é observada no cotidiano da população luandense no município de cacuaco.
- Discutir/demonstrar metodologicamente a influência sociocultural do grupo *Ambundu* na capital de Angola- Luanda.

## 7- REFERENCIAL TEÓRICO

Tendo em conta a relevância da nossa temática, para o desenvolvimento acerca da Estigmatização social do grupo etnolinguístico *Ambundu* em Angola iremos apresentar algumas referências bibliográficas de estudos já feito a relatar sobre o grupo *Ambundu* e sobre os estigmas sociais, e para dar mais clareza na nossa pesquisa iremos fazer a entrevista semiestruturada para melhor sustentação teórica da nossa pesquisa.

### 7.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DOS AMBUNDU

*Ambundo* é um grupo Etnolinguístico Bantu residindo em Angola, é o segundo maior grupo do País que constitui um quarto da população de Angola, eles estão localizados na capital Luanda e para leste nas províncias de Malange, Kuanza Norte, Kuanza sul, Bengo e uma pequena parte do Uíge. A sua língua materna é o Kimbundo que contém algumas variações linguísticas como *Ngoia*, falado no Kuanza sul, *Njinga*, *Mbamba*, *Ambaca* e o *Ngola*. Os subgrupos dos Ambundos são: Luanda ou *Axiluanda*, *Kissama*, *Hungo*, *Libolo*, *Kibala*, *Ngola*, *Mbangala* ou *Imbangala*, *Songo*, *Chinje* e *Minungo*. Este grupo formou dois grandes reinos importantes na época colonial de Angola, Reino da *Matamba* e o Reino do *Ndongo*.

Segundo Zau (2002):

Com a independência de Angola e conseqüente saída massiva do território de portugueses de origem europeia, o número de pessoas pertencentes a este “grupo” reduziu-se substancialmente. No entanto, dadas as suas características, nomeadamente a sua maior preparação em matéria de escolarização e domínio da Língua portuguesa, (língua oficial e língua de escolaridade), este “grupo” acabou por, necessariamente, ganhar um maior protagonismo na vida política, social, económica e religiosa, em relação aos restantes grupos Etnolinguístico. Ele está sobretudo ligado às zonas urbanas em modo geral, mais afastado das áreas de maior contato com a cultura tradicional. (ZAU, 2002, p. 68 e 69)

De acordo com ZAU (2002), o *Ambundu* faz parte dos grupos que mais contato direto esteve com os europeus, e no século XVII foi o primeiro povo africano a ser sujeito a uma nação europeia no atual território de Angola. E por este modo os *Ambundu* passaram a ser um dos grupos Etnolinguístico de Angola que mais foram aculturados e assimilados pelos portugueses. Os *Ambundu* eram compostos na sua maior parte por mestiços, assimilados que na sua maioria só sabiam falar o português

desconhecendo assim a sua língua nacional que é o *Kimbundu* Muitos *Ambundu* que se deslocavam de outras províncias para Luanda passaram a construir os musseques<sup>1</sup> os arredores da cidade capital.

Conforme salienta Zau (2002):

Grupo *Ambundu* De língua materna *kimbundo*, foi a etnia que teve contato mais intenso, com o mundo europeu. Foi também no século XVII, a primeira nação africana a ser sujeita a uma nação europeia. Talvez por esse facto, tenham também sido os mais aculturados de todos os outros grupos etnolinguísticos angolanos. Calcula-se que os *ambundu*, sejam demograficamente o segundo maior grupo de Angola e andariam em 1960, à volta de um milhão de habitantes. No seu território se implantou Luanda, a capital da ex-Colônia portuguesa, hoje, capital da República de Angola. (ZAU, 2002, p.61)

Os *Ambundu* são também conhecidos por *Kimbundu*, *Mbundus* ou até mesmo os *Akwakimbundo*, mas no presente trabalho iremos usar “*Ambundu*” sendo uma das formas gráfica usada pelo Zau (2002) em seu livro, e temos a questão gráfica da escrita *Kimbundu* apresentado em diferentes formas, existe o caso que alguns escrevem com “Q” e outros com “K”, às duas formas são corretas. O “Q” começou a ser utilizado com a chegada dos europeus em Angola, pois o *Kimbundu* era uma língua sem escrita e sem gramática registrada. Como afirma Fonseca (2012) ao decorrer do tempo o instituto de Línguas Nacional em Angola decidiu tornar oficial a utilização do “K” com a finalidade de valorizar mais as línguas maternas de Angola.

*Ambundu* é um grupo em que na sua maior parte pertenciam ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) um partido político angolano fundado aos 10 de dezembro de 1956, liderado por Agostinho Neto, foi um partido de ideologia comunista, marxista, e leninista era composto por mestiços, assimilados brancos e uma parte da população *Ambundu* residente em Luanda. Este partido por ser composto por maior parte dos mestiços e o povo *Ambundu* residente em Luanda nota-se que a língua nacional mais falada neste partido é o *Kimbundu*, e maior parte dos seus dirigentes só conheciam a língua *Kimbundu*. E durante o processo de colonização os portugueses fizeram um empréstimo lexical a esta língua conforme ilustra Bernardo (2017):

---

<sup>1</sup> Os musseques foram pensados como zonas separadas para os negros durante o período colonial- os brancos ficavam no centro da cidade. Bairros suburbanos de Luanda ocupados por população com menos recursos

O Kimbundu é tido como a língua que mais empréstimo cedeu ao PA por verbos e de nomes, o que permite estabelecer diferenças com o PE, visto que o sistema lexical da língua perpassa a experiência cultural da sociedade em que está se insere (Biderman apud Nzau, 2011, p. 73) sustenta que “cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e lexicais”. Deste modo, verificando-se a coabitação linguística, ocorrerá sempre casos de interferências das línguas nacionais no português. (BERNARDO, 2017, p.47).

Segundo PAIVA (2015, p.8) O Kimbundu é a segunda língua nacional mais falada por cerca da quarta parte da população, no eixo Luanda, Malanje e no Kwanza. É uma língua com grande relevância, por ser a língua da capital do antigo Reino do Ndongo, por ordem de sua importância numérica são o umbundu, o kimbundu, o kikongo, o côwe, o ganguela e o cuanjama. Estas línguas ocupam um certo espaço em documentos oficiais e na educação, entretanto estima-se que cerca de 40 línguas nacionais são faladas em Angolas e não é incomum encontrar crianças falando 3 línguas nacionais além do português

Sendo o *Kimbundu* uma língua que teve uma grande influência no português, e durante o processo de colonização os portugueses fizeram empréstimo lexical a esta língua, é uma das línguas nacionais que mais empréstimo fez, neste sentido apresentaremos os exemplos de algumas palavras em *Kimbundu* emprestada no português:

Segundo Mingas (2007) e Nzau (2011) citado por (Bernardo, 2017, p.48) Verificam-se as seguintes constatações lexicais que o Kimbundu dispõe ao português:

## 7.2- Quadro 1: Empréstimos Da Língua Kimbundu À Língua Portuguesa

Kimbundu	PA	PE
Kubanza	Banzar	Refletir, pensar
Kukoxila	Cochilar	Dormitar
Kasula	Caçula	Filho/a, irmã/o, mais novo/a
Kambuta	Cambuta	Anão, de pequeno porte
Ndenge	Ndenge	Indivíduo de idade inferior, criança

Fonte: (Bernardo, 2017, p.48). Disponível em: [http://aulp.org/wp-content/uploads/2019/01/RILP2017\\_32\\_ONLINE\\_SITE.pdf#page=39](http://aulp.org/wp-content/uploads/2019/01/RILP2017_32_ONLINE_SITE.pdf#page=39). Acessado 12/07/2022.

### 7.3- O REINO DO NDONGO E O REINO DA MATAMBA

Também achamos importante retratar no presente trabalho acerca dos dois grandes Reinos que exerceram um papel muito preponderante no grupo Etnolinguístico *Ambundu* que é o reino do *Ndongo* e o Reino da *Matamba*. Segundo Fonseca (2014) estes dois reinos que eram aliados de modo a enfrentarem a batalha contra os portugueses na conquista de seus territórios”. Esta presença que trouxe consigo enormes transformações contra estes povos, como as alterações nas práticas culturais, a destruição e despovoamento.

De acordo com Carvalho (2011) reino do *Ndongo* foi um reino criado pelos *Ambundu*, que designou o nome atual do país (Angola), a sua monarquia era étnica a primeira pessoa a governar este reino foi o Ngola Kiluanji, este reino localizava-se ao sul pelo Reino do Kongo, e o rio Dande e Kwanza, a leste pelo reino da *Matamba* e Lunda, ao norte pela *Quissama* e a oeste pelo oceano atlântico. Com passar do tempo este reino deixou de se chamar reino do Ndongo e passou a ser denominado por Angola.

Ainda segundo Carvalho (2011):

A principal autoridade entre os mbundus era o Ngola, título que deu origem a designação portuguesa Angola para suas conquistas. Contudo, o poder do Ngola era restrito e limitado. Muitos dos sobas que viviam em seus domínios eram totalmente independentes, ou por razões geográficas que dificultavam o acesso a esses sobados, ou pela ausência de legitimidade do poder político do Ngola junto a esses chefes locais. Alguns sobas reconheciam o Ngola somente por seus poderes místicos, como, por exemplo, em relação dom de fazer a chuva, mas não o viam como autoridade política (CARVALHO, 2011, p.9).

Segundo Fonseca (2014, p.1) “o reino de Matamba localizava-se entre o Ndongo e o Congo, a leste do rio Kwango, na margem direita do rio Lucala, corresponde a atual Baixa de Cassange na região de Malanje.”

Nzinga Mbandi é considerada a rainha deste reino por ser uma mulher que lutou para conquista de suas terras contra os portugueses.

Durante meados do século XVI, o Reino da Matamba era governado por uma rainha, que recebeu missionários enviados pelo rei D. Diogo I (1545 a 1561), mas nada indica que tenha se convertido ao catolicismo. 6 A rainha era reputada pelos substanciais minas de prata e outros minerais em seu território e construíra sua capital estrategicamente perto das minas de ferro do vale do rio Nzongezi. (FONSECA, 2014, p.2)

Ainda segundo Fonseca (2014) o reino da Matamba se desestabilizou com a chegada dos portugueses porque eles se envolveram nas questões políticas da região invadindo assim o reino no governo de Luís Mendes e esta invasão foi muito violenta, pois os portugueses destruíram lugares sagrados deste reino.

#### 7.4- O PROCESSO DE ASSIMILAÇÃO DOS AMBUNDU

O processo de assimilação em Angola surgiu quando os portugueses chegaram a Angola com a intenção de dominar, escravizar e explorar todas as riquezas do país. E com as suas estadias lá passaram a anular as tradições culturais locais, e formaram uma elite com intuito de auxiliar, e apresentar-se de tal forma como os colonizadores se apresentam. Os nativos eram obrigados a deixarem os seus próprios hábitos culturais, parar de falar as suas línguas maternas e eram obrigados a se apresentarem como os portugueses, de modo a serem considerados como assimilados. Para ZAU (2002, p.98), “através do número real de assimilados em Angola — por altura dos censos de 1940 e 1950, os únicos que dividiram a população em categorias de “civilizados” e “não civilizados” — se torna possível inferirmos sobre o número de angolanos, que naquela altura tinham já o domínio da Língua portuguesa em Angola.”

Ainda pode se ler em Nascimento (2016):

Assim os assimilados foram africanos que se utilizaram das prerrogativas legais (que discutiremos mais a frente) e conseguiram entre os anos de 1926 a 1961, o estatuto de cidadão, que os possibilitavam trabalhar nos órgãos da administração portuguesa, ter autonomia para deslocar-se na colônia, solicitar carteira de motorista, ter direito a voto e o mais importante, fugir do trabalho obrigatório. Segundo Christine Messiant em Angola, este grupo dividia-se em dois, um primeiro vinculado a parte dos crioulos (antiga elite nativa local) que aceitaram o novo estatuto assimilado, oriundo do interior e sem laços biológicos com as famílias crioulos, Para Washington Nascimento os novos assimilados não viam nem atuam como grupos, a pesarem de possuírem elementos comuns, como origem rural serem pretos, terem adquirido escolaridade formal nas missões religiosas (sobretudo, e o fato de não terem vínculos familiares entre si, como as elites crioulas existentes em Luanda, os antigos assimilados. (NASCIMENTO, 2016, p. 106)

Como já referir anteriormente, Ambundu é um dos grupos etnolinguísticos de Angola que mais teve contato direto com os colonizadores, e são os que mais foram assimilados. E para serem considerados como assimilados os portugueses davam algumas exigências como afirma Nascimento, (2013), era necessário que o indivíduo fala o português corretamente, e tenha uma economia aceitável.

Nós éramos obrigados a falar português para conhecer um novo mundo e para entregar-se numa outra sociedade. Porque só falar quimbundo não tinha futuro para guindar a determinados lugares [...] mesmo já em casa o nosso pai- meu pai, não gostava que falasse quimbundo, se falava quimbundo, quando o visse a chegar-me calava. Mesmo já em casa o meu pai me dizia ter que falar português. (XITU, In: LABAN, 1991, p. 126 apud NASCIMENTO, 2013, p.112)

Em seguida Nascimento, (2016, p.34) traz 4 pontos exigidos para ser considerado uma pessoa assimilada:

1. Ter abandonado inteiramente os usos e costumes da raça negra;
2. Falar e escrever corretamente a língua portuguesa;
3. Adotar a monogamia;
4. Exercer profissão, arte ou ofício compatível com a civilização europeia, ou ter rendimentos que sejam suficientes para promover aos seus alimentos, compreendendo sustento, habitação e vestuário para si e sua família (Diploma legislativo, 1931).

### 7.5 - A ESTIGMATIZAÇÃO SOCIAL

Estigmas sociais referem-se as marcas ou sinais atribuídos a um indivíduo que é completamente desacreditado na sociedade. A sociologia define o estigma Social como atributos particulares de um grupo ou de um indivíduo que partilham o oposto dos hábitos culturais de uma dada sociedade. Ou seja, o Estigma está relacionado com a identidade social do indivíduo e dos grupos sociais. Para Goffman (1963) estigma é a situação do indivíduo inabilitado para aceitação social plena e refere-se a um atributo profundamente depreciativo ou é a condição de não possuir atributos considerados importantes por um grupo social.

Segundo Ainslie, Coleman & Becker (1986), citado por De Siqueira e Cardoso, (2011, p.95) vão dizer que, “estigma é uma construção social, onde os atributos particulares que desqualificam as pessoas variam consoantes os períodos históricos e a cultura, não lhes propiciando uma aceitação plena social”.

De acordo com Goffman (1975) citado por De Siqueira e Cardoso (2011):

Goffman (1975) acredita que a pessoa estigmatizada possui duas identidades: a real e a virtual. A identidade real é o conjunto de categorias e atributos que uma pessoa prova ter; e a identidade virtual é o conjunto de categorias e atributos que as pessoas têm para com o estranho que aparece a sua volta, portanto, são exigências e imputações de caráter, feitas pelos normais, quanto ao que o estranho deveria ser. Deste modo, uma dada característica pode ser um estigma, especialmente quando há uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. (GOFFMAN 1975 APUD DE SIQUEIRA, CARDOSO, 2011, p.94)

Estigmas sociais é uma questão que pouco se discute em Angola existem poucos trabalhos a relatar sobre este problema que a sociedade angolana vive no seu cotidiano. Se pesquisamos a palavra “Estigma” na revista angolana de sociologia não aparece artigos a relatar sobre a temática, só a prática da estigmatização é bem visível, pois isto acontece em quase todos os grupos etnolinguísticos de Angola. Os estigmas causam um impacto negativo na vida do indivíduo e isto é uma das fundamentações que faz com que muitos tentam esconderem as suas verdadeiras identidades, e isto é bem visível em nossa sociedade.

Segundo Goffman (1963):

O termo estigma e seus sinônimos ocultam uma dupla perspectiva: assume o estigmatizado que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente, ou então que ela não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles? No primeiro caso, está-se lidando com a condição do desacreditado, no segundo com a do desacreditável. Esta é uma diferença importante, mesmo que um indivíduo estigmatizado em particular tenha, provavelmente, experimentado ambas as situações. Começarei com a situação do desacreditado e passarei, em seguida, a do desacreditável, mas nem sempre separarei às duas. (Goffman, 1963, p.7).

Estes estigmas que a sociedade atribui ao indivíduo ou mesmo a um determinado grupo social pode causar a desconformidade, porque os atributos dados para esta pessoa fazem com que ele se sente diferente, desacreditado e sem uma aceitação social plena, o indivíduo automaticamente se sente excluído na sociedade, com medo de ser rejeitado e ser mal avaliado o estigma social também causa a separação entre os grupos sociais e está mesma separação pode trazer um certo prejuízo na sociedade. Por exemplo, na sociedade angolana existem muitos casos em que os pais proibem os seus filhos em se relacionar com um membro de outro grupo étnico por questão destes estigmas que os grupos recebem. DE ASÚA (1973) ainda vai falar dos casamentos tradicionais entre membros de grupos diferentes:

A mulher ou homem introduzidos pelo matrimônio no novo grupo, reforçam a amizade e as alianças entre famílias, clã, tribos e reinos amigos, ou inauguram-nas se são estranhos, indiferentes ou hostis. Esta aliança entre dois grupos constitui seu valor social e político primário e mais profundo. (DE ASÚA, 1973, p.304)

O casamento tradicional entre dois grupos diferentes por mais que gera uma aliança entre eles ainda existem muitos obstáculos que os noivos passam por parte dos seus familiares porque normalmente os pais querem ver sempre os seus filhos a casarem com alguém do mesmo grupo étnico, tudo isto acontece por várias questões como os

problemas étnicos, os estereótipos e a estigmatização que existe entre diferentes grupos. Ainda para DE ASÚA (1973), diz que dentro destas alianças que acontecem entre grupos étnicos diferentes cada um permanece na sua independência aliado com os hábitos culturais de seu povo, mas também existe o caso que pode surgir alguma cooperação. O casamento entre dois grupos diferentes vai gerar uma nova família desde o momento em que vai existir uma ligação de grupos diferentes, surge uma nova linhagem.

Conforme explicam os autores Ronzani e Furtado (2010):

O estigma social pode causar forte impacto à vida para a pessoa estigmatizada, pois envolve aspectos amplos à vida dos sujeitos, assim como a formação e a transformação da identidade social desvalorizada num dado contexto social. Indivíduos estigmatizados são tidos como “imperfeitos”, “comprometidos” e de alguma forma teriam um atributo em algumas situações mais extremas desumanizadas. Por causa dessas características, a estigmatização apresenta profundas consequências negativas, e mesmo patológicas para a personalidade dos estigmatizados, resultando em estratégias e enfrentamento ou fuga de algumas situações que podem se tornar prejudiciais aos indivíduos. Considerando o forte substrato sociocultural do estigma, o contexto tem, portanto, um forte papel em relação ao nível de consequências para o indivíduo estigmatizado. Tais consequências envolvem também um distanciamento social que pode representar consequência direta ou indireta à saúde e ao bem-estar de quem é estigmatizado. Essas consequências, de forma geral, podem ser indiretas, como a dificuldade de acesso a cuidados em saúde, educação, emprego, moradia e outros. (RONZAN, FURTADO, 2010 p.327,328)’.

Goffman (19, p.7), vai dizer que o estigma pertence em qualquer sociedade e classifica os estigmas em três tipos:

1. Abominações do corpo, tem a ver com várias deformidades físicas;
2. Culpas de caráter, vontade fraca, desonestidade, crenças falsas esta estão inferidas a partir dos relatos de distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical;
3. Estigmas de marcas tribais, raciais e religiosas que podem ser transmitidos por linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família.

Segundo Soares (2009)

Os estigmas, portanto, não são em si negativos ou positivos (embora alguns autores, como Goffman [1978], discordem dessa afirmação, associando ao estigma a construção de uma “identidade deteriorada”), ainda que pareçam sempre mais prejudiciais do que benéficos – justamente, em nossa opinião, por estarem na base de estereótipos e preconceitos. Os estigmas incluem e

excluem, são dinâmicos e intercambiáveis – são multifacetados, como dissemos, e não unilaterais, como as cristalizações presentes nos estereótipos e preconceitos, determinados por modelos prévios (embora originalmente este modelo tenha tido um fundamento concreto, anterior a ele, na dinâmica social) (SOARES, 2009, p.5)

Deste modo concordamos com a ideia de Goffman porque a estigmatização social está mais para um lado negativo, do que positivo, pois ela chega a ser perversa porque o indivíduo estigmatizado está sujeito a receber vários nomes que talvez não condiga com a sua verdadeira personalidade como o caso da população *Ambundu* que recebem vários nomes como atrasados, feiticeiros, não pagam renda. (aluguel) O que garante para a sociedade que este povo é realmente é assim? E um dos grandes problemas é que até certo ponto a sociedade chega a normalizar certos atributos negativos que o grupo recebe e, isto faz com que o estigmatizado aceite certas posições inferiores que lhe é imposta.

Segundo Goffman (1963):

As atitudes que nós, normais, temos com uma pessoa com um estigma, e os atos que empreendemos em relação a ela é bem conhecido na -medida em que são as respostas que a ação social benevolente tenta suavizar e melhorar é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos várias categorias de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas hipóteses de vida: construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original. (Goffman, 1963, p.8)

Os indivíduos ao estigmatizarem até certo ponto não olham nas consequências que podem vir causar para o outro, ou seja, eles não se colocam no lugar do outro pensando o que podem causar para a mente desta pessoa, pois a Estigmatização pode ter como consequência transtorno mentais, baixa autoestima, e a redução das hipóteses de vida do estigmatizado porque ele é sempre visto como inferior como afirma Goffman. O estigmatizado se vê com aspecto do seu mesmo estigma levando a insegurança pela forma que a sociedade vai olhar para eles. Por exemplo, o povo *Ambundu* da província de Malanje ao serem chamados como confusionistas, não pagam renda de casa estes atributos que eles recebem gera uma certa desconformidade para eles porque a sociedade olha este povo de uma forma negativa, e este olhar negativo sobre o outro, causa a exclusão social. Exemplo Goffman (1963) também afirma que as pessoas

normais constroem uma teoria de estigma de modo a inferiorizar o outro e estas teorias construídas por eles é com intuito de darem uma explicação dos estigmas que eles atribuem sobre o outro.

Valeiro (2015) afirma que:

Para que um grupo possa estigmatizar o outro eficazmente ele deve estar bem instalado em posições de poder as quais o grupo “*outsider*” é excluído. O estabelecimento de uma forma a possibilitar a Estigmatização do outro, está intimamente relacionado a sua posição em grupo “*outsider*” passa ser estabelecido e a estigmatizar o outro grupo. O que predominam, um equilíbrio de poder em que se figuram os dois grupos. Enquanto o equilíbrio se inverte, é natural que ocorra um processo de contra- estigmatização: o então são constantes lutas para modificar o equilíbrio de poder. (VALEIRO,2015, p.32).

Para Goffman (1963) as pessoas normais criam estereótipo que não se diferem aos atributos de um determinado grupo ou indivíduo e este processo é identificado como estigmatização. E os normais constroem os estigmas de modo a inferiorizar o outro. É isto que acontece muito com a população Ambundu, principalmente aqueles que não são naturais da capital Luanda, neste caso os da província de Malanje, Bengo, Kwanza Sul entre outros são vistos com um sentimento de inferioridade, que leva o indivíduo a se sentir excluído ou até mesmo esconder a sua identidade real por um sentimento de medo, e descrédito.

## 8- METODOLOGIA

Desta forma para a nossa pesquisa vai-se utilizar mecanismos fundamentais para adquirir informações que irão contribuir na compreensão da realidade da nossa pesquisa. Neste caso para compreender o processo da estigmatização social do grupo etnolinguístico *Ambundo* em Luanda-Cacuaco, no primeiro momento para alcançar e desenvolver a nossa pesquisa a partir dos objetivos traçados, e respondendo os nossos problemas de pesquisa iremos utilizar o método qualitativo que é um estudo não estatístico muito utilizado nas ciências sociais, e é mais baseada em dados verbais, visuais e não numéricos.

Para Goldenberg (2009):

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa em pesquisa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, baseado no modelo de estudo das ciências da natureza. Estes pesquisadores se recusam a legitimar seus conhecimentos por processos quantificáveis que venham a se transformar em leis e explicações gerais. Afirmam que as ciências sociais têm sua especificidade, que pressupõe uma metodologia própria. (GOLDENBERG, 2009, p.1)

Já para Minayo (2014) o objetivo principal desta pesquisa é interpretar o fenômeno que observa. A pesquisa qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes.

De acordo com Creswell (2011):

A pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social, ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados. (CRESWELL, 2011, p. 26).

Nesta pesquisa a preocupação do autor não é trazer dados numéricos, mas sim em entender os fenômenos no ponto de vista dos participantes. No entanto, a pesquisa qualitativa se preocupa com as concepções da realidade que não podem ser quantificadas, mas sim ela está centralizada nas dinâmicas das relações de um grupo social.

Para aperfeiçoamento e desenvolvimento da nossa pesquisa iremos recorrer na categoria de pesquisa bibliográfica, como afirma GIL (2008) é um procedimento de pesquisa cujo objetivo é analisar uma determinada temática com base o que já foi escrito sobre ele. Neste procedimento serão utilizados materiais escritos por vários autores, como livros, artigos científicos, revistas, teses entre outros.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo. (GIL, 2008, p. 50)

Para De Sousa, et al (2021) A pesquisa bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico com a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, por uma investigação científica de obras já publicadas. Para eles a pesquisa científica é iniciada por intermédio da pesquisa bibliográfica porque o autor para dar início a uma determinada pesquisa primeiramente vai recorrer aos trabalhos já publicados de modo a entender e analisar da melhor forma o problema a ser estudado.

Para obtenção de mais dados sobre a nossa pesquisa, iremos utilizar no presente trabalho a técnica de entrevista que é uma das formas de coleta de dados que vai nos permitir ter mais dados eficiente sobre a nossa pesquisa. Deste modo para a nossa entrevista iremos selecionar algumas pessoas que fazem parte do grupo Etnolinguístico Ambundu de modo a darem o seu parecer consoante, temática e responderem algumas questões se realmente já foram estigmatizados. A nossa entrevista será realizada em dois modos presencial com os Ambundu que estudam na Unilab e por via Watsapp com os Ambundu residente em Angola

Segundo Minayo (1994) a entrevista contribui na aquisição de ideais por intermédio das falas individuais que vai revelar circunstâncias estruturais, sistemas de valores normais e símbolos e transmite, através de um porta-voz representações de determinados grupos

Deste modo optou-se em realizar a técnica de entrevista semiestruturada de modo a dar voz aos nossos entrevistados e esta técnica irá permitir o questionado apresentar o seu ponto de vista, narrando sobre a sua experiência com relação às situações vividas por ele.

As entrevistas semiestruturadas ocupam uma posição intermédia no 'continuum' que sugerimos como estando subjacente a classificação das entrevistas em função do grau de padronização. Comparativamente ao que acontece nas entrevistas estruturadas, nas entrevistas semiestruturadas, o entrevistador deve adotar uma atitude mais flexível na condução da entrevista, logo o seu grau de envolvimento na interação com entrevistado aumenta. Neste (categoria) de entrevista predominam perguntas que estimulam o entrevistado a apresentar o seu ponto de vista, exprimir a sua opinião e justificar o seu comportamento. O entrevistador pode conduzir a entrevista para obter os dados que pretende, orientando-a através da sequência em que coloca as perguntas e colocando as perguntas que considera mais convenientes numa determinada fase da entrevista. Esta orientação da entrevista é feita pelo entrevistador, de acordo com sua sensibilidade e tacto, para dar ao entrevistado uma liberdade de resposta controlada. (Silvestre, Araújo, 2012. p.151)

Segundo a ideia de Fraser e Gondim (2004) A entrevista semiestruturada serve de uma forma de interação entre o entrevistador e entrevistado, onde o entrevistado usa um roteiro ou questionário em que ele pode sair do roteiro de modo que o entrevistado pode falar livremente sobre o tema a ser retratado.

## 9- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, Ezequiel Pedro José. **Norma e variação linguística: implicações no ensino da língua portuguesa em Angola.** em *Língua Portuguesa*, p. 39, 2017.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica.** 6. ed São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DE CARVALHO, Flávia Maria. **O Reino do Ndongo no Contexto da Restauração: Mbundus, Portugueses e Holandeses na África Centro Ocidental.** *Sankofa* (São Paulo), v. 4, n. 7, p. 7-28, 2011.

DE LIMA, Soares Rosana. **De palavras e imagens: estigmas sociais em discursos audiovisuais.** In: *E-Compôs*. 2009.

DE OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração.** Universidade Federal de Goiás. Catalão–GO, 2011.

DE SIQUEIRA, Ranyella; CARDOSO, Hélio. **O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana.** *Imagonautas: revista Interdisciplinares sobre imaginários sociais*, v. 1, n. 2, p. 92-113, 2011.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos.** *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 43, 2021.

GIL, Antonio Carlos, and C. **Métodos. "técnicas de pesquisa social."** *São Paulo, Editora Atlas* (2008).

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade.** Tradução: Mathias Lambert, v. 4, 1988.

NASCIMENTO, Washington Santos. "**Os “assimilados” na legislação colonial portuguesa em Angola.**" *VICE-REITOR*: 105. 2013

PADILHA, Anna Maria Lunardi, and M. F. Silveira. "**Contribuições de Norbert Elias e Lev Semionovich Vigotski para pensar a exclusão social.**" Anais do IX Simpósio Internacional Processo Civilizador (2005).

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. Etnias de fronteira e questão nacional: o **caso dos “regressados” em Angola.** Cadernos de Campo (São Paulo 1991), v. 10, n. 10, p. 45-62, 2002.

REINO DE MATAMBA, O. "Nzinga Mbandi conquista Matamba: **Legitimidades e poder feminino na África Central.** Século XVII." Campos 1 (1965): 253.

RICHARDSON, Roberto Jarry, José Augusto Peres, and José Carlos Vieira Wanderley. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1985.

RONZANI, Telmo Mota, and Erikson Felipe Furtado. "**Estigma social sobre o uso de álcool.**" *Jornal brasileiro de psiquiatria* 59.4 (2010): 326-332.

SILVESTRE, Hugo Consciência; ARAÚJO, Joaquim Filipe **Metodologia para investigação social** copyright by escolar, Lisboa 2012.

VALERIO, Paulo de Tarso Medeiros. **Considerações teórico-metodológicas sobre a manifestação de identidade na Angola Independente.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2015

ZAU, Filipe. **Angola: Trilhos para o desenvolvimento.** 2002. N°19. **Dissertação** (Doutoramento) – Temas educacionais, Universidade Aberta, 2002.

